



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVI SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2022

QUINTAIS: CONTRIBUIÇÃO “INVISÍVEL” DAS MULHERES À PRODUÇÃO RURAL FAMILIAR DE AMÉLIA RODRIGUES, BAHIA

**Janahína da Silva Moura¹; Marina Siqueira de Castro²; Maria Aparecida da Cruz
Xavier³**

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduanda em Agronomia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: mourajanahina@gmail.com
2. Orientadora, Departamento de Biologia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail marinacastro@uefs.br
3. Colaboradora da pesquisa, Graduanda em Agronomia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: macxavier14@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Agroecologia; Caderneta Agroecológica; Quintais Produtivos.

INTRODUÇÃO

Cardoso *et al* (2019) afirmam que historicamente, os quintais têm sido protagonizados pelas mulheres rurais. Eles estão e sempre estiveram presentes no cotidiano delas como espaço produtivo que garante segurança alimentar e nutricional, bem como a manutenção da saúde. Embora isso seja uma realidade, há uma invisibilização sobre as atividades desenvolvidas pelas mulheres nesses espaços, que acabam sendo vistos como a extensão da casa e conseqüentemente como sendo um trabalho meramente reprodutivo por não ser monetizado ou inserido em mercados formais. Tal invisibilidade se perdura para a maioria das ações realizadas pelas mulheres - como por exemplo, o cuidado da casa e filhos – e se fundamenta na lógica da economia capitalista que desconsidera as atividades não mercantis de suas análises a respeito do trabalho.

A Caderna Agroecológica, é um instrumento político-pedagógico pensada por/para mulheres que expressam a necessidade que elas tiveram de se organizar coletivamente para dissolver os problemas relacionados a invisibilização do trabalho executado pelas próprias. Ela foi desenvolvida no ano de 2011 através de uma parceria entre o Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM) e o Movimento de Mulheres da Zona da Mata e Leste de Minas. Em 2019, o seu uso foi sendo expandido para outras regiões do país através do “Projeto de Formação e Disseminação do Uso

Consciente das Cadernetas Agroecológicas” apoiado Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA). (SEMEAR, 2020)

Esta pesquisa tem o intuito de investigar como se tece as relações acerca dos quintais das mulheres rurais de Amélia Rodrigues- BA e verificar sua contribuição na garantia de renda e autonomia, testando a caderneta agroecológica como principal instrumento de empoderamento.

METODOLOGIA

O instrumento de trabalho norteador foi a pesquisa-ação, que “é realizada em um espaço de interlocução onde os atores implicados participam na resolução dos problemas, propondo soluções e aprendendo na ação” THIOLENT, (2002). A metodologia adotada seguiu as instruções de uso do Guia Metodológico da Caderneta Agroecológica, sendo feito algumas alterações para que se adequasse ao tempo da pesquisa. As Cadernetas foram distribuídas para quatro mulheres que compõem o coletivo “As Kitandeiras”, que é um grupo composto apenas por mulheres das comunidades Quatro Estrada, situadas no município de Amélia Rodrigues.

As cadernetas tiveram o início de sua aplicação no mês de maio de 2022, após um longo processo de sensibilização do coletivo para a apresentação da proposta de utilização das mesmas. Entre maio e agosto do presente ano, as mulheres foram acompanhadas quinzenalmente através de visitas aos quintais para manter a anotação cotidiana, sempre estimulando reflexões sobre trabalho e renda por parte delas a partir dos resultados parciais. Por fim, as informações anotadas por elas durante os meses de acompanhamento foram coletados, tabulados e sistematizados para fins de análise e discussões. Durante a aplicação da caderneta, utilizou-se o questionário socioeconômico como metodologia complementar para conhecer o perfil socioeconômico e a participação política das mulheres.

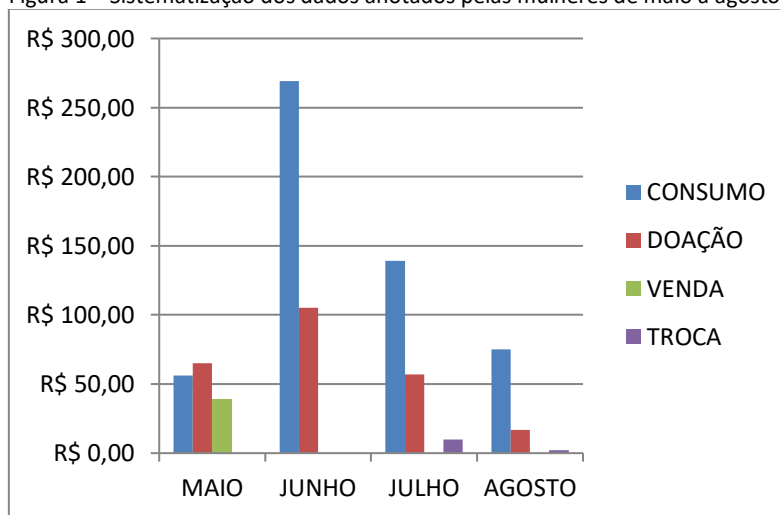
RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que se refere à aplicação dos questionários para investigação socioeconômica, a análise demonstrou que as agricultoras têm entre 23 e 59 anos, sendo todas autodeclaradas negras. O percentual é igual a 25% para mulheres solteiras e que completaram o ensino médio e 75% para mulheres casadas com ensino fundamental incompleto. Nenhuma das propriedades que as mulheres residem tem Cadastro Ambiental Rural (CAR) e Declaração de Aptidão (DAP).

Sobre trabalho, todas declararam não trabalhar fora de casa e serem responsáveis total ou parcialmente dos afazeres domésticos como limpeza da casa, preparo das refeições, lavagem de roupas, etc. Quando questionadas sobre a quantificação da jornada de trabalho, nenhuma delas soube responder. Essa situação nos evidencia a dificuldade que essas mulheres têm em reconhecer o trabalho por elas realizados cotidianamente e de se perceber também como força produtiva que contribui para a manutenção de vida da família, sobretudo no que diz respeito aos alimentos para autoconsumo provenientes do quintal.

Durante os quatro meses de uso da caderneta, período que compreendeu de maio a agosto, as anotações das agricultoras resultaram um total de R\$834,00 de produtos provenientes do quintal que foram consumidos, vendidos, doados e trocados. Desse total, apenas 4,7% são referentes a venda. (Figura 1)

Figura 1 – Sistematização dos dados anotados pelas mulheres de maio a agosto de 2022.



Os resultados permitem identificar informações relevantes sobre o uso da caderneta e de como são tecidas as relações socioprodutivas no território. Durante os meses de junho e julho houve uma maior quantidade de produtos e conseqüentemente renda provenientes do quintal. Outro fato curioso são os valores encontrado para doação, eles correspondem a 27,4% do total. Cardoso et al. 2019 nos alertam que esses dados precisam ser valorizados pois estão muito presentes nas relações de solidariedade e reciprocidade. Além disso, são essas relações que permitem que muitas pessoas tenham acesso a alimentos, infraestrutura e serviços, sem passar por relações monetárias.

Nesse interim, conforme corroboram Lacerda, Siqueira (2020), a Caderneta Agroecológica pode ser entendida como uma ferramenta de pesquisa que oferece

comprovação de trabalho e renda das agricultoras, bem como sistematizar o conjunto da diversidade produtiva e da contribuição delas para a conservação, manejo e reprodução da socioagrobiodiversidade CARDOSO *et al.* (2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apresentados são dados coletados durante quatro meses de anotações na Caderneta Agroecológica pelas agricultoras, sendo assim, se trata de um resultado parcial. Para uma análise mais aprofundada seria necessário o acompanhamento do instrumento metodológico por, no mínimo, um ano, para que as anotações de fato já fizessem parte do cotidiano dessas mulheres. Acredita-se que os valores atribuídos para consumo, venda, troca e doação estejam subestimados, uma vez que era frequente as agricultoras esquecerem de fazer as anotações. Ainda assim, foi possível perceber a Caderneta como uma ferramenta fundamental para que inquietações relacionadas ao trabalho e contribuição na produção familiar começassem a surgir entre as mulheres, e dessa forma abrisse caminhos para a transição agroecológica.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Joelson; FELÍCIO, Erahsto. 2021. Por terra e território: caminhos da revolução dos povos no Brasil. Arataca (BA): Teia dos Povos.

CARDOSO, Elisabeth Maria; SCHOTTZ, Vanessa. 2009. Mulheres construindo a Agroecologia no Brasil. Revista Agriculturas, v. 6, n. 4, dez.

LACERDA, Tamara Rangel; SIQUEIRA, Ana Elizabeth Souza Silveira. 2020. As Cadernetas Agroecológicas como Metodologia de Protagonismo das Agricultoras: A Experiência do Pró-Semiárido no Piemonte da Diamantina/BA. Cadernos de Agroecologia, v. 15, n. 2.

PORTAL SEMEAR. 2020. Boas práticas na convivência com o semiárido. Organização Comunitária: Cadernetas agroecológicas.

THIOLLENT, Michel. 2002. Construção do conhecimento e metodologia da extensão. Revista Cronos, v. 3, n. 2.